

# As Cinco Vias Para se Provar a Existência de Deus em Tomás de Aquino

Autor: Sávio Laet de Barros Campos.  
Bacharel-Licenciado em Filosofia Pela  
Universidade Federal de Mato Grosso.

Por meio de cinco vias (*quinque viis*), anela Tomás demonstrar a existência de Deus. Encontramo-las sistematicamente expostas nas suas grandes obras: a *Suma Contra os Gentios* e a *Suma Teológica*. Comumente apreciam os estudiosos ser a exposição da *Contra Gentiles* mais física, enquanto a da *Summae Theologiae* mais metafísica. Todavia, o que é fora de dúvida é que a exposição da *Contra Gentiles* é mais pormenorizada, a da *Summa Theologiae* é mais sintética. Cabe o adendo de que esta diferença entre as duas exposições deve-se, ao menos, em parte, à finalidade das supracitadas obras.

## 1. A Primeira Via: A Prova Pelo Movimento

As cinco vias são concludentes. Contudo, não são igualmente de fácil apreensão. Por conseguinte, neste ponto de vista, a saber, com relação à apreensão, sobressai às outras, a primeira, qual seja, a via do movimento.<sup>1</sup> Na *Summa Contra Gentiles*, por exemplo, ela é exposta de forma mais pormenorizada que as outras. Mondin atribui o ocorrido, na supracitada *Summa*, ao fato de Tomás ainda querer se valer dos pressupostos da cosmologia

---

<sup>1</sup> GILSON, Etienne. **El Tomismo: Introducción a La Filosofía de Santo Tomás de Aquino**. Trad. Alberto Oteiza Quiro. Buenos Aires: Ediciones Desclée de Brouwer, 1960. p. 90: “Aunque, según Tomás de Aquino, las cinco demostraciones que da de la existencia de Dios son todas concluyentes, sus diversos fundamentos non son igualmente fáciles de comprender. La que se funda en la consideración del movimiento supera, desde este punto de vista, a las otras cuatro.” “Ainda que, segundo Tomás de Aquino, as cinco demonstrações da existência de Deus sejam todas concludentes, seus diversos fundamentos não são igualmente fáceis de compreender. A que se funda na consideração do movimento supera, neste ponto de vista, as outras quatro.” (A tradução é nossa). O próprio Sto. Tomás atesta a sua preferência pela primeira via: TOMÁS DE AQUINO, **Suma Teológica**. Trad. Aimom- Marie Roguet et al. São Paulo: Loyola, 2001. v. I. I, 2, 3, C: “A primeira, e a mais clara, parte do movimento.”

aristotélica para melhor fundamentá-la, enquanto que na *Summae Theologiae*, obra da sua maturidade, já prefira ater-se mais à tese metafísica do ato e da potência.<sup>2</sup> No *Compendium Theologiae*, destinado ao seu dileto discípulo Reginaldo Piperno, Tomás, não encetando ali uma exposição sistemática das cinco vias, prefere sintetizar a sua demonstração pela prova do movimento. Ora, talvez todos estes indicativos assinalem a sua predileção por tal via.

Na *Suma Teológica*, de forma mais concisa, Tomás a apresenta assim. É certo, porquanto os nossos sentidos nos atestam, que no mundo algumas coisas se movem.<sup>3</sup> No entanto, importa aditar que nada se move a si mesmo, isto é, tudo o que se move é movido por outro.<sup>4</sup> Ademais, acresça-se, ainda, que tudo o que se move, enquanto é movido, está em potência para aquilo para o que se move. Por outro lado, nada pode mover algo, senão enquanto está em ato com relação àquilo a que moverá.<sup>5</sup> De forma que, mover uma coisa é fazê-la passar da potência ao ato, e isto só pode ser feito por um ente que já esteja em ato: “Movere enim nihil aliud est quam educere aliquid de potentia in actum”<sup>6</sup>.

Agora bem, nada pode estar, simultaneamente e sob o mesmo aspecto, em ato e em potência. Destarte, nada pode mover algo, senão enquanto está em ato com relação a ele. Entretanto, nada pode estar em ato em relação àquilo com que se encontra exatamente em potência. Logo, urge ratificar: nada pode mover a si mesmo. Por conseguinte, se o movente de um móvel estiver, por sua vez, também ele em movimento, é mister que, também ele seja movido por outro movente. E este, por seu turno – se igualmente estiver em movimento – igualmente, ainda, terá que ser movido, já que nada pode mover a si mesmo, e assim sucessivamente.<sup>7</sup>

Ora bem, nesta série de moventes e movidos, não se pode retroceder indefinidamente<sup>8</sup>, visto que, neste caso, não haveria um primeiro motor. Ora, em não havendo um primeiro motor, não haveria, tampouco, um segundo, haja vista que – de acordo com o que acabamos

<sup>2</sup> MONDIN, Battista. **Quem é Deus? Elementos de Teologia Filosófica**. 2ª. ed. Trad. José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2005. pp. 231 e 232: “A Primeira Via, na *Summa Theologiae*, corre mais ágil que a análoga primeira via na *Summa Contra os Gentiles*. Isso se ao fato de que na obra mais madura, para justificar o princípio *quidquid movetur ab alio movetur* (tudo o que se move é movido por outro), Tomás de Aquino não apela mais à cosmologia aristotélica, mas à doutrina metafísica do ato e da potência.”

<sup>3</sup> TOMÁS DE AQUINO, **Suma Teológica**. I, 2, 3, C: “Nossos sentidos nos atestam, com toda a certeza, que neste mundo algumas coisas se movem.”

<sup>4</sup> *Idem. Ibidem*: “Ora, tudo o que se move é movido por outro.”

<sup>5</sup> *Idem. Ibidem*: “Nada se move que não esteja em potência em relação ao termo de seu movimento; ao contrário, o que move o faz enquanto se encontra em ato.”

<sup>6</sup> *Idem. Ibidem*: “Mover nada mais é, portanto, do que levar algo da potência ao ato (...)”.

<sup>7</sup> *Idem. Ibidem*: “É preciso que tudo o que se move seja movido por outro. Assim, se o que move é também movido, o é necessariamente por outro, e este por outro ainda. Assim, se o que move é também movido, o é necessariamente por outro, e este por outro ainda.”

<sup>8</sup> *Idem. Ibidem*: “Ora, não se pode continuar até o infinito, pois neste caso não haveria um primeiro motor, por conseguinte, também outros motores (...)”.

de postular – o segundo motor só se move em virtude do primeiro, posto que nada pode mover a si mesmo. Desta sorte, sem um primeiro motor, não poderia haver qualquer outro motor, “(...) pois os motores segundos só se movem pela moção do primeiro motor”<sup>9</sup>. Tal hipótese, ou seja, que não haja um primeiro motor, equivaleria, por conseguinte, à negação do próprio movimento. Porém, sendo evidente a sua existência – patenteada pelos nossos sentidos – ele (o movimento) não pode ser negado, sem que se caia no absurdo.

Sem embargo, a única forma de se explicar o movimento é que se estabeleça, enfim, a existência de um primeiro motor, o qual, por seu turno, precisamente por ser o primeiro, é imóvel, já que, caso se movesse, seria, afinal, movido por outro – pois nada pode mover a si mesmo – e, em consequência disto, já não seria o primeiro. Ora, este primeiro motor imóvel corresponde justamente àquilo a que todos chamamos Deus: “Ergo necesse est devenire ad aliquod primum movens, quod nullo movetur: et hoc omnes intelligunt Deum”<sup>10</sup>.

A fim de melhor elucidarmos esta prova, é mister fazermos algumas considerações adicionais. A causa é sempre superior ao seu efeito. Por conseguinte, a ordem das causas motrizes – a qual nos referimos acima – implica, pois, numa ordem de causas hierarquicamente organizadas. Ademais, importa dizer não estamos falando de causas motrizes individuais e isoladas, mas sim daquelas que estão a causar o movimento e a própria virtude motriz de toda uma espécie. Por exemplo, um indivíduo de uma dada espécie, decerto basta para justificar o movimento de um outro indivíduo da mesma espécie. Assim, uma pedra basta para mover outra pedra. Entretanto, se tomarmos a eficácia motriz desta mesma espécie enquanto tal, já não bastaria, então, um indivíduo desta mesma espécie para dar razão ao seu movimento, pois, dito indivíduo teria que ser anterior à própria espécie, na qual precisamente se encontra. Ora, isto é impossível. Por outro lado, como o efeito tem de ser sempre inferior à sua causa, a causa desta espécie deve se encontrar, alhures, em algo que seja superior a ela.<sup>11</sup>

---

<sup>9</sup> *Idem. Ibidem.*

<sup>10</sup> *Idem. Ibidem:* “É então necessário chegar a um primeiro motor, não movido por nenhum outro, e um tal ser, todos entendem: é Deus.”

<sup>11</sup> GILSON. *Op. Cit.* p. 99: “Es porque la serie de causas sobre las cuales estamos razonando, están jerárquicamente ordenadas: todo lo que es movido, en la hipótesis en que se coloca la prueba por el primer motor, es movido por una causa motriz que le es superior y que, en consecuencia, es causa a la vez de su movimiento y de su virtud motriz. La causa superior no debe solamente dar cuenta del movimiento de un individuo de cualquier grado, ya que bastaría otro individuo del mismo grado para dar cuenta, – una piedra mueve a otra piedra –, sino del movimiento de la especie. En efecto, si nos colocamos en el interior de la especie, descubrimos sin dificultad la razón suficiente de los individuos o de los movimientos que efectúan, suponiéndose dada la especie; pero cada causa motriz, tomada en sí, no podría ser considerada como la primera fuente de su movimiento, planteándose el problema de la misma manera para todos los individuos de la especie considerada, ya que, para cada uno de ellos, la naturaleza que lo define es la de la especie. Es pues necesario buscar, fuera de la especie, e por encima de ella, la razón suficiente de la eficacia de los individuos.” “É porque a série de causas sobre a qual estamos raciocinando, está hierarquicamente ordenada: tudo o que é movido, na hipótese em que se

Agora bem, aplicando esta regra ao conjunto das espécies, verificamos, então, que cada uma destas espécies não possui senão uma única causa motriz. Por conseguinte, as chamadas “causas motrizes segundas” de cada uma destas espécies, não serão, deveras, senão causas instrumentais a nos remeter sempre, portanto, àquela causa motriz primeira. Além disso, seguindo esta mesma linha de raciocínio, cuida não pararmos nas próprias espécies – cada uma delas causada por uma causa motriz que lhe é superior – a fim de chegarmos, algures, a uma causa motriz verdadeiramente primeira, ou seja, a uma causa que esteja realmente acima de toda e qualquer espécie, o que indicaria, por seu lado, que tal causa motriz não se encontraria subordinada, e nem seria movida, nenhures, por qualquer outra causa que lhe fosse ulteriormente superior.<sup>12</sup>

Ora bem, será tão-somente esta causa primeira – própria e estritamente falando – motriz, já que só ela também não será movida por mais nada. De fato, é dela que procederá, por seu turno, a moção de todas as outras, porque, enquanto superior a todas as outras, só dela poderá dimanar o influxo motriz de todas as demais. Doravante, a prova pelo movimento só ganha plena inteligibilidade num universo hierarquicamente organizado, onde realmente há uma cadeia de causas ordenadas que procedem de uma causa motriz superior.<sup>13</sup>

Por um lado, de forma descendente ou decrescente, cumpre dizer que é desta causa motriz primeira e superior que emanará, pois, o influxo motriz que gerará aquela cadeia de causas ordenadas supracitadas. Por outro lado, é desta cadeia de causas, na qual uma causa motriz inferior é gerada por outra que lhe é imediatamente superior, que remontaremos – de modo ascendente e crescente – àquela causa primeira – que transcende a toda série causal – e de cujo influxo provém, enfim, a motricidade de todas as outras causas.

coloca a prova pelo primeiro motor, é movido por uma causa motriz que lhe é superior e que, em consequência, é causa, por sua vez, de seu movimento e de sua virtude motriz. A causa superior não deve somente dar conta do movimento de um indivíduo de qualquer grau – já que bastaria outro indivíduo do mesmo grau para dar conta, uma pedra move a outra pedra –, senão do movimento da espécie. Com efeito, se nos colocamos no interior da espécie, descobrimos, sem dificuldade, a razão suficiente dos indivíduos ou dos movimentos que efetuam, supondo-se dada a espécie; porém, cada causa motriz, tomada em si, não poderia ser considerada como a primeira fonte de seu movimento, considerando-se o problema, da mesma maneira para todos os indivíduos da espécie considerada, já que, para cada um deles, a natureza que o define é a da espécie. É, pois, necessário buscar, fora da espécie, e por cima dela, a razão suficiente dos indivíduos.” (A tradução é nossa).

<sup>12</sup> *Idem. Op. Cit.* pp. 99 e 100: “O bien, em consecuencia, se supondrá que aquello que recibe su naturaleza es, al mismo tiempo, la causa, es decir es la causa de si mismo, lo que es absurdo; o bien se considerará que todo lo que actúa en virtud de una naturaleza recibida es solamente causa instrumental que debe reducirse mediante causas superiores, a una causa primera (...).” “Ou bem, em consequência, supor-se-á que aquilo que recebe sua natureza é, ao mesmo tempo, a causa, isto é, é a causa de si mesmo, o que é absurdo; ou bem se considerará que tudo que atua em virtude de uma natureza recebida, é somente uma causa instrumental que se deve reduzir, mediante causas superiores, a uma causa primeira.” (A tradução é nossa).

<sup>13</sup> *Idem. Op. Cit.* p. 100: “La prueba por el primer motor sólo adquiere pleno sentido, en la hipótesis de un universo jerárquicamente ordenado.” “A prova pelo primeiro motor, só adquiri pleno sentido, na hipótese de um universo hierarquicamente ordenado.” (A tradução é nossa).

## 2. A Segunda Via: A Prova Pela Causa Eficiente

Tomemos novamente as coisas sensíveis, e verificaremos nelas uma ordem de causas eficientes, ou seja, uma ordem que consiste no fato de que certos entes produzem outros entes. Observe-se, por demais, que, também aqui, uma coisa não pode ser causa eficiente de si mesma. Sem embargo, eis um axioma indeclinável: a causa é sempre anterior ao efeito. De sorte que, se algo pudesse ser causa de si mesmo, teria que ser anterior a si mesmo, o que é um absurdo.<sup>14</sup>

Por outro lado, também aqui não se pode remontar até ao infinito. Porquanto, trata-se de uma ordem de causas essencialmente ordenadas, na qual o efeito é sempre algo que veio à existência e nela conserva-se sob o influxo ininterrupto de uma causa determinada que lhe precedera. Donde se segue que, em tal ordenamento, o efeito não pode existir sem a causa. Ratificamos: aqui também não poderia ocorrer um retrocesso indefinido, *ad infinitum*, já que, numa ordem de tal natureza, uma causa depende atualmente da outra para existir. Atende admitir, então, no presente caso, a existência de uma causa eficiente primeira que seja, por sua vez, incausada, isto é, que não seja efeito de nada. Com efeito, só assim aquele axioma segundo o qual a causa deve sempre preceder ao seu efeito, e, concomitantemente, nada pode ser causa de si mesmo, permanecerá inolvidável. Axioma este, que Tomás sintetiza na máxima lapidar: “(...) remota autem causa, removetur effectus”<sup>15</sup>.

Ademais, um mundo assim disposto, é tal que o efeito último não existiria sem uma causa segunda, e esta causa segunda, por seu lado, não poderia existir sem uma causa primeira. De resto, não importa quantas sejam as causas intermediárias, o que se tem estabelecido é que a causa primeira é *conditio sine qua non* para a existência: tanto das causas segundas quanto do efeito último. Por conseguinte, se não existisse uma causa primeira, tampouco existiriam causas intermediárias, e menos ainda um efeito último. Entretanto, como é certo e atestável pelos nossos sentidos que há causas intermediárias e efeito último, é certo também que existe uma causa primeira, à qual cabe a produção universal de todos os entes. Tal causa, doravante, todos a entendemos ser Deus.<sup>16</sup>

---

<sup>14</sup> TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. I, 2, 3, C: “Encontramos nas realidades sensíveis a existência de uma ordem entre as causas eficientes; mas não se encontra, nem é possível, algo que seja a causa eficiente de si próprio, porque desse modo seria anterior a si próprio, o que é impossível.”

<sup>15</sup> *Idem. Ibidem*: “(...) supressa a causa, suprime-se o efeito.”

<sup>16</sup> *Idem. Ibidem*: “Ora, tampouco é possível, entre as causas eficientes, continuar até o infinito, porque entre todas as causas eficientes ordenadas, a primeira é a causa das intermediárias e as intermediárias são a causa da

### 3. A Terceira Via: A Prova Pelo Necessário

A terceira via parte da distinção entre o possível (*possibili*) e o necessário (*necessario*). Importa discriminarmos, desde já, as duas premissas fundantes desta prova. Com efeito, o seu primeiro axioma basilar diz respeito ao fato de o possível ser definido como contingente, vale dizer, como aquilo que pode *ser* e *não ser*, e isto o difere do necessário. A segunda premissa, que é um corolário da primeira, consiste no fato de que, o que pode *não ser* não possui em si mesmo, a saber, em sua essência, a razão da sua existência. Ora, o que não possui em si a razão da sua existência tem de recebê-la alhures, isto é, de uma causa eficiente que lha comunique, já que não a possui por si.<sup>17</sup>

Postos estes fundamentos, é possível voltarmos para as coisas sensíveis, a fim de podermos constatar que nelas há, sem embargo, entes que nascem e se corrompem, ou seja, que podem *ser* ou *não ser*. Mas é impossível, de fato, que coisas que possam *não ser* tenham *sido* sempre. Com efeito, é da própria essência do possível não ter *sido* em algum momento. Destarte, se todas as coisas são possíveis, houve algum momento em que nenhuma delas *foi*, quero dizer, houve um momento em que nada existia.<sup>18</sup>

Desta sorte, o que não *é* não pode *vir a ser* senão pelo que *é*. Donde, se todas as coisas fossem possíveis, quer dizer, pudessem *não ser*, teria havido um momento em que nada havia, mas, se isso é verdadeiro, dado que nada pode passar a *ser* senão pelo que já *é*, ainda hoje nada existiria. Mas isto é evidentemente falso. Daí, pois, que a existência de coisas possíveis reclama a existência de um *ser* necessário.<sup>19</sup>

última, sejam elas numerosas ou apenas uma. (...) Portanto, se não existisse a primeira entre as causas eficientes, não haveria a última nem a intermediária. Mas se tivéssemos de continuar até o infinito na série das causas eficientes, não haveria efeito último, nem causa eficiente intermediária, o que evidentemente é falso. Logo, é necessário afirmar uma causa eficiente primeira, a que todos chamam Deus.”

<sup>17</sup> GILSON. *Op. Cit.* pp. 104 e 105: “El punto de partida de la tercera via está en la distinción entre lo posible y lo necesario. Dos premisas pueden ser consideradas como fundamentos de la prueba. La primera es que lo posible es contingente, es decir que puede ser o no ser; en lo cual se opone a lo necesario. La segunda, es que lo posible no existe de por sí, es decir por su esencia, sino que recibe su existencia de una causa eficiente que se la comunica.” “O ponto de partida da terceira via, está na distinção entre o possível e o necessário. Duas premissas podem ser consideradas como fundamentos da prova. A primeira é que o possível é contingente, isto é, que pode ser e não ser; no que se opõe ao necessário. A segunda é que o possível não existe por si, isto é, por sua essência, senão que receba sua existência de uma causa eficiente que lha comunique.” (A tradução é nossa).

<sup>18</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. I, 2, 3, C: “Encontramos, entre as coisas, as que podem ser ou não ser, uma vez que algumas se encontram que nascem e perecem. Conseqüentemente, podem ser e não ser. Mas é impossível ser para sempre o que é de tal natureza, pois o que pode não ser não é em algum momento. Se tudo pode não ser, houve um momento em que nada havia.”

Ora bem, este *ser* necessário, por seu turno, pode sê-lo, ou por si ou em virtude de outro *ser* necessário. Entretanto, também aqui, não se pode retroceder ao infinito na série de seres necessários, porquanto, se assim fosse, não haveria *ser* necessário algum, haja vista que o necessário – propriamente falando – é justamente aquilo que existe por si e não em virtude de qualquer outra coisa.<sup>20</sup>

Por conseguinte, é indeclinável admitir, também aqui, a existência de um *ser* necessário, vale dizer, a existência de um ser que exista por si e que não receba nenhuma causa do seu existir, tendo em vista que já possui, em sua própria essência, a razão da sua existência. Desta feita, é este *ser* necessário que, por seu lado, confere e comunica a todos os demais seres a sua necessidade. Ora, um ser tal, todos entendemos, deveras, ser Deus:

Portanto, é necessário afirmar a existência de algo necessário por si mesmo, que não encontra alhures a causa de sua necessidade, mas que é causa da necessidade para os outros: o que todos chamam Deus.<sup>21</sup>

#### 4. A Quarta Via: A Prova Pelos Graus do Ser

Podemos comprovar, mediante a experiência sensível, que existem coisas mais e menos boas, mais e menos verdadeiras, mais e menos nobres. Ora, mais ou menos só é atribuível a uma coisa na medida em que esta mesma coisa se aproxima, mais ou menos também, daquilo que é máximo.<sup>22</sup> De sorte que, a existência de graus diversos de bondade, verdade e nobreza nas coisas está a indicar, pois, que existe uma bondade suprema, uma verdade suprema e uma nobreza suprema.

De resto, bondade, verdade e nobreza não são senão transcendentais de uma mesma coisa, qual seja, o ente (*ens*). Sem embargo, tais transcendentais são propriedades

<sup>19</sup> *Idem. Ibidem*: “Ora, se isso é verdadeiro, ainda agora nada existiria; pois o que não é só passa a ser por intermédio de algo que já é. Por conseguinte, se não houve ente algum, foi impossível que algo começasse a ser; logo, hoje, nada existiria: o que é falso. Assim, nem todos os entes são possíveis, mas é preciso que algo seja necessário entre as coisas.”

<sup>20</sup> *Idem. Ibidem*: “Ora, tudo o que é necessário tem, ou não, a causa de sua necessidade de um outro. Aqui também não é possível continuar até o infinito na série das coisas necessárias que têm uma causa da própria necessidade, assim como entre as causas eficientes, como se provou.”

<sup>21</sup> *Idem. Ibidem*.

<sup>22</sup> *Idem. Ibidem*: “Encontra-se nas coisas algo mais ou menos bom, mais ou menos verdadeiro, mais ou menos nobre etc. Ora, *mais* e *menos* se dizem de coisas diversas conforme elas se aproximam diferentemente daquilo que é em si o máximo.”

fundamentais do ente, visto que não se reduzem e nem se limitam a nenhum modo de existir em particular, mas transcendem a todos eles, enquanto estão presentes como constitutivos de toda e qualquer coisa que se denomine ente. De modo que, aquilo que é verdadeiro ou bom em grau supremo é também, *ipso facto*, ente em grau supremo.<sup>23</sup>

Ademais, aquilo que é máximo num determinado gênero é causa de tudo o que é deste gênero.<sup>24</sup> Portanto, o ente supremo é a causa – para todos os demais entes – do ser e de todas as perfeições que o ser implica, vale lembrar, a verdade, a bondade, a nobreza, etc. Deveras, este ente perfeitíssimo – e fonte de toda perfeição – é o que chamamos Deus: “Existe então algo que é, para todos os outros entes, causa de ser, de bondade e de toda a perfeição: nós o chamamos Deus”<sup>25</sup>.

### 5. A Quinta Via: A Prova Pela Causa Final

A quinta-via é bem conhecida da tradição teológica. Tomás revela que a recebe de São João Damasceno. Ela se baseia num axioma: coisas contrárias entre si, ou seja, de naturezas dissonantes, não podem encontrar-se numa mesma ordem e nem conciliar-se em torno de um mesmo fim, sem que algo as governe e dirija, todas e cada uma em particular.<sup>26</sup> Ora, é isto que realmente verificamos na experiência sensível. Com efeito, ela nos mostra que coisas díspares, apesar disso, harmonizam-se, organizando-se sempre ou quase sempre, com o fito de alcançarem um fim comum. Desta sorte, forçoso é reconhecer que exista algo que, por sua providência, ordene-as de tal forma admirável. Ora, é este soberano governo do mundo, que todos entendem pertencer a Deus.<sup>27</sup>

---

<sup>23</sup> *Idem. Ibidem*: “Existe em grau supremo algo verdadeiro, bom, nobre e, conseqüentemente o ente em grau supremo, pois, como se mostra no livro II da *Metafísica*, o que é em sumo grau verdadeiro, é ente em sumo grau.”

<sup>24</sup> *Idem. Ibidem*: “Por outro lado, o que se encontra no mais alto grau em determinado gênero é causa de tudo o que é desse gênero (...).”

<sup>25</sup> *Idem. Ibidem*.

<sup>26</sup> *Idem. Suma Contra os Gentios*. Trad. D. Odilão Moura e Ludgero Jaspers. Rev. Luis A. De Boni. Porto Alegre: EDPUCRS, 1996. 2 v. I, XIII, 27 (115): “É o seguinte: é impossível que as coisas contrárias e dissonantes estejam sempre, ou muitas vezes, concordes em uma só ordem, a não ser que estejam também sob o governo de alguém pelo qual é dado a todas e a cada uma dirigirem-se para determinado fim.”

<sup>27</sup> *Idem. Ibidem*: “Ora, vemos no mundo as coisas concordes em uma ordem, não raramente nem por acaso, mas sempre e na maioria das vezes. Deve, por conseguinte, haver alguém por cuja providência o mundo é governado. E a este chamamos Deus.”

A *Suma Teológica* só explicita que este supremo governante deve ser um ser inteligente, posto que, o que nos interpela é justamente o fato de percebermos que coisas destituídas de conhecimento – como os corpos físicos ou naturais – busquem um fim, isto é, ajam sempre ou quase sempre de um mesmo modo. Sem embargo, somos por isto impelidos a admitir a necessidade de uma *Inteligência Primeira*, sem a qual esta mesma realidade permaneceria inteiramente ininteligível, uma vez que coisas destituídas de conhecimento não podem dirigir-se para um fim – como que determinadas por uma *intenção* – salvo se forem governadas por uma inteligência.<sup>28</sup> Da mesma forma que não se conseguiria explicar uma flecha que pudesse buscar e atingir o seu alvo, sem que antes fosse arremessada por um arqueiro, de igual modo, a ordem do mundo permaneceria completamente inaudita, sem uma *Inteligência* suprema que a comandasse. Ora, esta *Inteligência* soberana é exatamente o que todos entendem ser Deus:

Ora, aquilo que não tem conhecimento não tende a um fim, a não ser dirigido por algo que conhece e que é inteligente, como a flecha pelo arqueiro. Logo, existe algo inteligente pelo qual todas as coisas naturais são ordenadas ao fim, e a isso nós chamamos Deus.<sup>29</sup>

É certo que, dentre todas as demais provas, esta é a que se tornou a mais conhecida do vulgo. Não é de pouca monta que, entre todas as demais vias, seja esta a única que Tomás retoma num *Sermão* dirigido aos indoutos. De fato, no *Expositio Super Symbolo Apostolorum*, o Frade de Roccasecca expõe a mesma via só que de forma não erudita. Todavia, inobstante seja a mais aceita entre os incautos, a quinta-via é, paradoxalmente – não só apodítica como as outras – mas também se apresenta como sendo a mais profunda de todas elas, e poder-se-ia até dizer que é a prova das provas, já que considera os dados sensíveis, enquanto os recolhe da observação atenta da ordem do universo, ou seja, a partir da perspectiva decisiva da causa final que, como já dizia Aristóteles, é a causa das causas.

Com efeito, de posse do fato de que a harmonia do mundo exige uma *Inteligência* primeira, é preciso afirmar, também, consoante isto mesmo, que esta mesma *Inteligência* primeira, antes de exercer sobre as coisas a sua causalidade eficiente, isto é, antes de produzi-

---

<sup>28</sup> De fato, mister é que este ordenador seja uma inteligência e não apenas um ser cognoscente. Um animal, por exemplo, conquanto conheça que dada coisa é o seu fim e empregue meios eficazes para alcançar este fim, não conhece a razão de fim e nem pode perceber a relação existente entre os meios e o fim. Por isso mesmo, não seria capaz de estabelecer entre as coisas uma relação de meios que visam um fim. Isto é possível somente à inteligência, faculdade do ser em si, que alcança a razão de ser das coisas, sabendo relacionar não só o meio com o fim, senão também reduzir na unidade de uma única representação intelectual o meios e o fim.

<sup>29</sup> *Idem. Suma Teológica*. I, 2, 3, C.

las no ser, determina-as, *a priori*, quanto ao fim que devem lograr. Com outras palavras, mais do que constatar a racionalidade do *cosmo* do ponto de vista da existência das coisas enquanto tais, a quinta-via alcança a verdade a respeito da razão última do existir de todas as coisas que são. Não só constata a racionalidade da natureza, mas indica, sobretudo, a razão pela qual há uma natureza. Sobre este aspecto da quinta-via, assevera Gilson com exatidão:

En su aspecto más profundo, ve en la causa final la razón por la cual se ejerce la causa eficiente, es decir la causa de la causa. De modo que no solamente alcanza, ni en primer lugar, la razón del orden que hay en la naturaleza, sino también e sobre todo la razón por la cual hay una naturaleza. En pocas palabras, más allá de las maneras inteligibles de existir, la causa final alcanza la razón suprema por la cual las cosas existen. Ésta es exactamente la razón que la prueba por la causa final tiene en vista y a la que llega cuando concluye a la existencia de Dios.<sup>30</sup>

Sem embargo, o *cosmo* tem um fim uno, já que a sua causa primeira também é uma. E este fim, por sua vez, ao qual todas as coisas devem o seu existir, e ao qual se inclinam por sua própria natureza, é Deus. Destarte, é Deus que, por seu lado, as criou e as governa para Ele próprio. A razão do existir de todas as coisas – vale dizer, do próprio *cosmo* –, é, então, tender para Deus, voltar-se para Ele, assemelhar-se-Lhe, enquanto precisamente se inclina a Ele. De fato, cada ente, enquanto cumpre – em sua própria natureza – o desígnio inefável do *Pensamento* criador, tornar-se a Ele similar, enquanto o imita imperfeitamente.<sup>31</sup> Por conseguinte, no princípio era a inteligência, e as coisas criadas por essa *Inteligência* nos revelam, enquanto parcial e imperfeitamente a imitam, o mistério dEla própria, ou seja, do seu numinoso ser.

Deus nos fez para Ele; além disso, é Ele mesmo quem nos dirige para Ele próprio, como para o nosso derradeiro fim. Em uma palavra, Ele é o princípio e o fim de todas as coisas que *são*, é o alfa e o ômega de toda a criação. É isto, por fim, o conspecto que a quinta-via nos proporciona e oferece: Deus como fim conspícuo e último de toda as coisas que *são*, máxime da criatura racional.

---

<sup>30</sup> GILSON. *Op. Cit.* p. 115: “Em seu aspecto mais profundo, vê na causa final a razão pela qual se exerce a causa eficiente, ou seja, a causa da causa. De modo que não alcança somente – nem sequer em primeiro lugar – a razão da ordem que há na natureza, senão que também e, sobretudo, a razão pela qual há uma natureza. Em poucas palavras, mais além das maneiras inteligíveis de existir, a causa final alcança a razão suprema pela qual as coisas existem. Esta é exatamente a razão que a prova pela causa final tem em vista e à que chega, quando conclui a existência de Deus.” (A tradução é nossa).

<sup>31</sup> *Idem. Op. Cit.*: “El pensamiento interior en las cosas se explica, como las cosas mismas, por la remota imitación del pensamiento del Dios providencia que los rige” “O pensamento interior nas coisas se explica, como as coisas mesmas, pela remota imitação do pensamento do Deus providência que as rege.” (A tradução é nossa).

## 6. Os Traços Comuns das Cinco Vias

Nos subtópicos abaixo, retomaremos as linhas mestras da argumentação registrada na exposição das cinco vias. O intuito é buscar uma síntese. No cumprimento deste expediente, valer-nos-emos de muitas citações já declinadas.

### 6.1. A base sensível e existencial

Uma existência só pode ser inferida de outra existência. Eis, pois, um primeiro princípio que norteia todas as provas da existência de Deus, em Tomás de Aquino.<sup>32</sup> Ora, as existências que nos são imediatamente evidentes são as das coisas sensíveis. Daí que “(...) todo o nosso conhecimento se origina a partir dos sentidos”<sup>33</sup>. Inclusive, “(...) a origem do nosso conhecimento, até mesmo das coisas que transcendem os sentidos, está nos sentidos”<sup>34</sup>.

Donde, em Tomás, a demonstração da existência de Deus não partir nem da definição de Verdade, como em Agostinho, nem da ideia de Deus, como em Anselmo<sup>35</sup>, mas justamente da existência dos seus efeitos sensíveis: “(...) embora Deus transcenda as coisas sensíveis e os sentidos, contudo os seus efeitos, dos quais é assumida a demonstração para provar que Deus é, são sensíveis”<sup>36</sup>. Portanto, as provas tomásicas partem sempre de existências empiricamente dadas: seja do movimento das coisas, seja das ações recíprocas entre elas, seja dos seres que nascem e morrem, seja, ainda, das coisas mais ou menos perfeitas, seja, enfim, da ordem que há entre elas.<sup>37</sup>

---

<sup>32</sup> *Idem. Op. Cit.* pp. 115 e 116: “(...) cada prueba se apoya sobre la comprobación empírica de un hecho, porque la existencia sólo puede ser inducida a partir de otra existencia.” “(...) Cada prova se apóia sobre a comprovação empírica de um fato, porque a existência só pode ser induzida a partir de outra existência.” (A tradução é nossa).

<sup>33</sup> TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. I, 1, 9, C.

<sup>34</sup> *Idem. Suma Contra os Gentios*. I, XII, 8 (90).

<sup>35</sup> Mondin, com rara argúcia, nota a profunda diferença que há entre o conceito anselmiano de Deus e a noção tomásica: MONDIN, Battista. *Curso de Filosofia: Os Filósofos do Ocidente*. v 1. 10ª. ed. Trad. Benôni Lemos. Rev. João Bosco de Lavor Medeiros. p. 181: “Segundo Tomás, o conceito que temos de Deus não é ‘*id cuius maius cogitari nequit*’ (‘aquilo maior do que o qual nada pode ser pensado’), mas ‘*id quod superat omnes cogitationes nostras*’ (‘aquilo que supera todos os nossos pensamentos’).

<sup>36</sup> *Idem. Suma Contra os Gentios*. I, XII, 8 (90).

<sup>37</sup> GILSON. *Op. Cit.* p. 116: “A este respecto todas las pruebas tomistas se oponen a las pruebas agustinanas por la Verdad, o a prueba anselmiana por la idea de Dios: hay en ellas movimiento, acciones recíprocas, seres que nacen y mueren, cosas más o menos perfectas, orden en las cosas (...).” “A este respeito todas as provas

Ora bem, é partindo destas existências recolhidas das nossas experiências sensíveis mais imediatas, que o Aquinate começa a desenvolver todos os seus argumentos. De fato, pode-se partir destes entes sensíveis, porquanto a existência deles é segura e incontestável, já que “Os sentidos não se enganam a respeito do seu objeto próprio (...)”<sup>38</sup>. Logo, partindo destas existências imediatamente evidentes, podemos certificar-nos da existência da sua causa, como conclui Gilson: “(...) porque tudo isso é, pode-se afirmar que sua causa existe”<sup>39</sup>.

## 6.2. O princípio de causalidade

No entanto, esta base empírica não é o único laço que liga as cinco vias entre si. Sem embargo, tão logo atestamos os entes que nos são dados na experiência sensível, salta-nos aos olhos também um dado eminentemente racional, qual seja, o princípio de causalidade. Ele é um dos princípios fundantes da atividade racional e dele tomamos consciência no mesmo momento em que nos acercamos das coisas sensíveis, ou seja, no próprio instante em que entramos em contato com elas.<sup>40</sup>

Com efeito, é o princípio de causalidade que confere às existências sensíveis, já constatadas, a inteligibilidade. Tal razão de ser que lhes é conferida, funda-se no axioma basilar do próprio princípio de causalidade: *ex nihilo nihil fit*. De fato, se *do nada, nada vem*, e nada pode ser causa de si mesmo, então, “(...) supressa a causa, suprimi-se também o efeito”<sup>41</sup>. Logo, exige-se que haja: para todo movido uma causa movente; para todo efeito, uma causa eficiente; para todo ser contingente, um ser necessário que o cause; em toda hierarquia, um termo último; e, em toda ordem, um ordenador.<sup>42</sup>

tomistas se opõem às provas agostinianas pela Verdade, ou à prova anselmiana pela ideia de Deus: há nelas movimento, ações recíprocas, seres que nascem e morrem, coisas mais ou menos perfeitas, ordem nas coisas (...).” (A tradução é nossa).

<sup>38</sup> TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. I, 85, 6, C.

<sup>39</sup> GILSON. *Op. Cit.* p. 116.

<sup>40</sup> *Idem. Op. Cit.* p. 116: “Un segundo rasgo característico es el empleo que todas hacen del principio de causalidad. (...) Es que el principio de causalidad es para Santo Tomás un primer principio, es decir, inmediatamente conocido por la luz natural de la razón desde que despierta al contato de la experiencia.” “Um segundo traço característico é o emprego que todas fazem do princípio de causalidade. (...) É que o princípio de causalidade é, para Santo Tomás, um primeiro princípio, isto é, imediatamente conhecido pela luz natural da razão, assim que desperta ao contato com a experiência.” (A tradução é nossa).

<sup>41</sup> TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. I, 2, 3, C.

<sup>42</sup> GILSON. *Op. Cit.* p. 116: “A la experiencia empírica dada, cada prueba agrega, pues, un elemento racional y necesario que torna inteligible toda existencia al referirla a la de su causa. *Ex nihilo nihil fit*; luego: todo movimiento supone un motor; todo efecto, una causa; todo ser contingente, un ser de por sí; toda jerarquía, un

### 6.3. A ordem hierárquica de perfeições

Em todas as *vias*, excetuando a *quinta*, torna-se patente que, sendo o efeito sempre inferior à sua causa<sup>43</sup>, a ordem causal na qual as coisas se acham inseridas, encontra-se sempre numa escala ascendente de graus de perfeição que nos remete, de forma indeclinável, a um termo máximo, pois “(...) não haveria graus se não existisse um máximo (porque o mais e o menos se dizem em relação a um máximo)”<sup>44</sup>.

Aliás, é exatamente esta hierarquia de perfeições que não nos permite, na apreciação de Tomás, um regresso até ao infinito, posto que uma regressão *ad infinitum*, numa natureza assim concebida, eliminaria, de todo, a própria noção de perfeição hierárquica que exige – conforme já vimos explicitamente na quarta via – um termo último e máximo nos graus de perfeição: “Logo, deve existir um ser absolutamente perfeito, infinito no ser, na verdade e na bondade”<sup>45</sup>.

De fato, numa série causal em que a existência de um efeito depende essencialmente de uma causa, haja vista “(...) que não se encontra, nem é possível, algo que seja a causa eficiente de si próprio, porque desse modo seria anterior a si próprio: o que é impossível”<sup>46</sup>, impõe-se-nos, necessariamente, a existência de uma causa primeira sublime e atualíssima, que torne então inteligível a existência atual de toda a série causal, porque, em conformidade com o que vimos na *Secunda Via*, “(...) se tivéssemos de continuar até o infinito na série das causas eficientes, não haveria causa primeira”<sup>47</sup>. Ora, em não havendo uma causa primeira, “(...) não haveria efeito último, nem causa eficiente intermediária, o que evidentemente é falso”<sup>48</sup>, já que é evidente pelos nossos sentidos, que não se enganam quanto ao seu objeto próprio, a existência de ações recíprocas entre as coisas. Logo, “(...) é necessário afirmar uma causa eficiente primeira”<sup>49</sup>.

término supremo; todo ordem, un ordenador.” “À experiência empírica dada, cada prova agrega, pois, um elemento racional e necessário que torna inteligível toda existência, ao referi-la à sua causa. *Ex nihilo nihil fit*, logo: todo movimento supõe um motor; todo efeito, uma causa; todo ser contingente, um ser por si; toda hierarquia, um término supremo; toda ordem, un ordenador.” (A tradução é nossa).

<sup>43</sup> TOMÁS DE AQUINO. *Suma Contra os Gentios*. I, XXVIII, 4 (265): “Por isso, é impossível que o efeito vindo de uma ação esteja em ato mais nobre que o ato da causa agente.” *Idem. Ibidem*: I, XXIX, 3 (272): “(...) os efeitos têm menos do que as suas causas.”

<sup>44</sup> MONDIN. *Curso de Filosofia: Os Filósofos do Ocidente*. v 1. p. 181.

<sup>45</sup> *Idem. Ibidem*.

<sup>46</sup> TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. I, 2, 3, C.

<sup>47</sup> *Idem. Ibidem*.

<sup>48</sup> *Idem. Ibidem*.

<sup>49</sup> *Idem. Ibidem*.

E esta causa deve estar em ato (*actus*), porquanto “(...) produzir algum efeito por si mesmo convém ao ente em ato, porque todo agente age enquanto está em ato”<sup>50</sup>. Sem embargo, só assim ela (a *causa*) poderá explicar a existência de uma ordem causal atual, visto que só o “(...) ente em ato produz por natureza algo existente em ato”<sup>51</sup>. Além disso, para ser a causa primeira e incausada, precisa ser ato puro, já que “(...) tudo aquilo que de algum modo está em potência, pressupõe algo anterior a si”<sup>52</sup>. Portanto, para Tomás, no princípio era o ato: “(...) o primeiro princípio ativo deve estar totalmente em ato”<sup>53</sup>.

E, assim deve ser, tendo em vista que um infinito negativo, isto é, um infinito como pura indeterminação introduzido nesta série causal como o seu princípio último, implicaria em inserir nesta ordem causal uma causa primeira mesclada de potência. Ora, potência indica sempre imperfeição, como o ato aponta sempre para a perfeição, já que “(...) as coisas são perfeitas enquanto estão em ato, e imperfeitas enquanto estão em potência”<sup>54</sup>. Por conseguinte, admitir tal infinito negativo e indeterminado no mundo, equivaleria a colocar a razão de ser de um universo que tende gradualmente para uma perfeição cada vez maior, na imperfeição, mas isso não pode ser, pois “(...) tudo o que é imperfeito, necessariamente procede do que é perfeito”<sup>55</sup>.

Logo, o primeiro ente deve não somente ser perfeito, mas, como afirma Santo Tomás, “(...) o primeiro ente é necessariamente perfeitíssimo”<sup>56</sup>. Além do mais, como a potência implica sempre imperfeição, a perfeição deste primeiro ente deve consistir, precisamente, em ser ele ato puro, ou seja, isento de toda e qualquer potência passiva: “Logo, aquilo que de nenhum modo está em potência, sendo ato puro, necessariamente é perfeitíssimo”<sup>57</sup>. Sem embargo, admitir o contrário seria fazer com que a potência precedesse ao ato, o que também não corresponde à realidade profunda das coisas, haja vista que, embora por vezes a potência preceda ao ato, “(...) o ato tem prioridade absoluta sobre a potência, porque a potência por si mesma não se reduz a ato, senão que só o é por algo que esteja em ato”<sup>58</sup>.

---

<sup>50</sup> *Idem. Suma Contra os Gentios*. II, VI, 3 (881).

<sup>51</sup> *Idem. Ibidem*.

<sup>52</sup> *Idem. Ibidem*. I, XVI, 2 (129). *Idem. Suma Teológica*. I, 4, 1, ad 1: “Com efeito, o que está em potência há de ser precedido por outro em ato (...)”.

<sup>53</sup> *Idem. Ibidem*. I, 4, 1, C.

<sup>54</sup> *Idem. Suma Contra os Gentios*. I, XVIII, 3, (264).

<sup>55</sup> *Idem. Ibidem*. I, XVIII, 2, (263).

<sup>56</sup> *Idem. Ibidem*.

<sup>57</sup> *Idem. Ibidem*. I, XVIII, 3, (264). *Idem. Suma Teológica*. I, 4, 1, C: “Segue-se que o primeiro princípio ativo deve estar totalmente em ato e, por conseguinte, ser totalmente perfeito.”

<sup>58</sup> *Idem. Suma Contra os Gentios*. I, XVI, 2 (129). *Idem. Suma Teológica*. I, 4, 1, ad 2: “(...) o ente em potência só pode ser levado ao ato por um ente em ato.”

Assim, urge que admitamos a existência de uma perfeição suprema e primeira – de um infinito positivo, de um ato puro – de onde provenham todas as demais perfeições do universo ao qual chamamos: Deus. Assim nos atesta claramente a quarta-via: “Existe então algo que é, para todos os outros entes, causa de ser, de bondade e de toda perfeição: nós o chamamos Deus”<sup>59</sup>. De fato, só tal conclusão pode tornar inteligível e razoável a existência de um mundo hierarquicamente disposto e organizado segundo graus de perfeição diversos. É o que sublinha, com meridiana clareza, Gilson:

(...) Bem visível na quarta via, este aspecto do pensamento tomista não deixa de ser perceptível até na primeira: esta subordinação hierárquica de efeitos e de causas essencialmente ordenadas é o que faz impossível uma regressão até ao infinito na série de causas e permite à razão afirmar a existência de Deus.<sup>60</sup>

Além disso, é através deste fato mesmo, qual seja, da existência de causas e efeitos hierarquicamente subordinados segundo graus de perfeição diversos, que nos será permitido aferir então a existência de uma causa primeira, e isto, bastando constatar a existência de uma única causa intermediária. É que, na verdade, pensando neste ponto de vista, podemos prescindir mesmo de todas as gradações intermediárias possíveis e passar a afirmar que todas as demais causas – sejam elas quais e quantas forem – serão e permanecerão sendo sempre causas segundas ou efeitos últimos que reclamam uma única causa primeira.<sup>61</sup> Assim é, porque a eficácia de cada uma destas causas intermediárias depende igualmente da eficácia simultânea e atual de todas elas.<sup>62</sup> Formam elas todas, desta feita, como que uma só escala, que saca a sua eficácia, por sua vez, de uma única causa primeira. De fato, como frisa Santo

---

<sup>59</sup> *Idem. Ibidem.* I, 2, 3, C.

<sup>60</sup> GILSON. *Op. Cit.* p. 116. (A tradução é nossa). “Pero conviene agregar un tercer carácter a los dos precedentes. (...) Bien visible en la cuarta vía, este aspecto del pensamiento tomista no deja de ser perceptible hasta en la primera: esta subordinación jerárquica de efectos y de causas esencialmente ordenadas es lo que hace imposible una regresión al infinito en serie de las causas y permite a la razón afirmar la existencia de Dios.” “Porém, convém agregar um terceiro caráter aos dois precedentes.

<sup>61</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica.** I, 2, 3, C: “(...) entre as causas eficientes ordenadas, a primeira é a causa das intermediárias e as intermediárias são a causa da última, sejam elas numerosas ou apenas uma.”

<sup>62</sup> GILSON. *Op. Cit.* p. 116: “Por cierto que la imaginación de Santo Tomás se complace en escalar estos grados; pero, para su razón metafísica, formam uno solo, ya que la eficacia de cada causa intermediaria presupone que la serie completa de seus condiciones está realizada actualmente.” “Por certo que a imaginação de Santo Tomás se compraz em escalar estes graus; porém, para sua razão metafísica, formam um só, já que a eficácia de cada causa intermediária pressupõe que a série completa de suas condições esteja realizada atualmente.” (A tradução é nossa).

Tomás, “(...) se não existisse a primeira entre as causas eficientes, não haveria a última nem a intermediária”<sup>63</sup>.

Destarte, bastará buscar a razão suficiente de uma única existência sensível, para daí chegarmos à existência de Deus, como diz o próprio Tomás: “(...) a partir de um efeito qualquer pode-se demonstrar claramente a existência da causa”<sup>64</sup>. Voltamos assim, uma vez mais, ao ponto de partida de todas as provas: a existência. É o que conclui Gilson:

Assim voltamos a encontrar o primeiro carácter geral que acabamos de assinalar às provas: é necessário partir de uma existência, já que basta assinalar a razão suficiente completa de uma só *existência* qualquer empiricamente dada, para provar a *existência* de Deus.<sup>65</sup>

Desta sorte, as demonstrações ou provas não serão, enfim, senão uma elaboração, deveras, rigorosa e erudita, desta primeira constatação fundamental: a existência.

## 7. Conclusão

O fenômeno mais admirável que Tomás pôde constatar nas coisas sensíveis é que elas não possuem em si mesmas a razão da sua existência e que, por isso mesmo, reclamam a todo instante uma causa que lhes seja extrínseca, a fim de que lhes conceda a existência que, por si mesmas, não possuem: “Dizer que um existente requer uma causa extrínseca de sua existência, equivale a dizer que não a contém em si”<sup>66</sup>. Sintetiza Mondin, com precisão, o espírito das provas tomásicas:

As provas de Tomás partem de um fato (não de uma definição) e põem a descoberto uma situação de insuficiência (contingência), uma na qual o mundo não basta, por si mesmo, para explicar que ele é. As cinco vias mostram que o primeiro impulso ao vir-a-ser não pode ter sido dado ao mundo pelo próprio mundo; que as causas segundas (e no

---

<sup>63</sup> TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. I, 2, 3, C.

<sup>64</sup> *Idem. Ibidem*. I, 2, 2, ad 3.

<sup>65</sup> GILSON. *Op. Cit.* p. 116 (A tradução é nossa). “Aí volvemos a encontrar el primer carácter general que acabamos de asignar a las pruebas: es necesario partir de una existencia, ya que basta asignar la razón suficiente completa de una sola *existencia* cualquiera empíricamente dada, para probar la *existencia* de Dios.

<sup>66</sup> *Idem. Op. Cit.* p. 122. (A tradução é nossa). “Decir que un existente requiere una causa extrínseca de su existencia, equivale a decir que no la contiene en sí.”

mundo todas as coisas são apenas causas segundas) nunca são a causa total de determinado efeito (nunca são a causa do ser); que o que nasce e morre (e no mundo tudo está sujeito à geração e corrupção) não é causa da existência própria; que o imperfeito procede do perfeito; que a ordem das coisas não foi estabelecida por nós. Estes argumentos provam a necessidade de um Motor imóvel, de uma Causa primeira, de um Ser necessário, de uma Perfeição absoluta, de um Ordenador supremo.<sup>67</sup>

De modo que se pode dizer que todas as provas tomasianas da existência de Deus, “(...) consistem em buscar, mais além de existências que não se bastam, uma existência que se baste e que, por bastar-se, possa ser causa primeira de todas as outras”<sup>68</sup>, conforme diz expressamente Tomás, na conclusão a *Tertia Via*: “Portanto é necessário afirmar a existência de algo necessário por si mesmo, que não encontre alhures a causa de sua necessidade, mas que é causa da necessidade para os outros: o que todos chamam Deus”<sup>69</sup>.

Só em Deus, portanto, a realidade encontra a sua racionalidade última, porque só Ele, enquanto é o próprio *Esse Subsistens – Ser incausado –*, pode comunicar o ato de ser (*esse, actus essendi*) às demais substâncias que não o possuem em si, a fim de que elas se tornem *entes*, ou seja, passem a *ter* e a *exercer*, por participação, o ato de ser (*esse, actus essendi*) que não são por essência (*per essentiam*). É o que conclui o Aquinate:

Porque o existe em algo que não pertence à sua essência tem de ser causado ou pelos princípios da essência (...); ou por algo exterior (...). Portanto, se o próprio ser de uma coisa (*ipsum esse rei*) é distinto de sua essência (*alius ab eius essentia*), é necessário que este ser (*esse*) seja causado por algo exterior ou pelos princípios essenciais dessa coisa. É impossível, no entanto, que o ser (*esse*) seja causado apenas pelos princípios da essência da coisa; pois coisa alguma (*nulla res*) é capaz de ser causa de ser (*causa essendi*), se este é causado. É preciso, pois, que o tem o ser distinto de sua essência (*esse est aliud ab essentia sua*), o tenha causado por um outro. Ora, não se pode dizer isso de Deus, porque dizemos que Ele é a causa eficiente primeira. Logo, é impossível que em Deus uma coisa seja o ser e outra a essência.<sup>70</sup>

Por isso, os efeitos de Deus são semelhantes a Ele, antes de mais nada, por serem *entes*, isto é, por terem e exercerem o ato de ser (*esse, actus essendi*), por existirem. Todas as

---

<sup>67</sup> MONDIN. *Curso de Filosofia: Os Filósofos do Ocidente*. v 1. p. 182.

<sup>68</sup> GILSON. *Op. Cit.* p. 122. (A tradução é nossa): “(...) consistem en buscar, más allá de existências que no se bastan, una existencia que se baste y que, por bastarse, pueda ser causa primera de todas las otras.”

<sup>69</sup> TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. I, 2, 3, C. (Os parênteses são nossos).

<sup>70</sup> *Idem. Ibidem*. I, 3, 4, C.

demais semelhanças derivam desta semelhança mais universal: “É desta maneira que os efeitos de Deus, enquanto são entes, lhe são semelhantes como ao primeiro e universal princípio de todo o ser”<sup>71</sup>.

---

<sup>71</sup> *Idem. Ibidem. I, 4, 3, C.*

## **BIBLIOGRAFIA**

GILSON, Etienne. **El Tomismo: Introducción a La Filosofía de Santo Tomás de Aquino.** Trad. Alberto Oteiza Quirno. Buenos Aires: Ediciones Desclée de Brouwer, 1960.

MONDIN, Battista. **Curso de Filosofia: Os Filósofos do Ocidente.** v 1. 10ª. ed. Trad. Benôni Lemos. Rev. João Bosco de Lavor Medeiros.

\_\_\_\_\_. **Quem é Deus? Elementos de Teologia Filosófica.** 2ª. ed. Trad. José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2005.

TOMÁS DE AQUINO. **O Ente e a Essência.** 2ª ed. Trad. Carlos Arthur do Nascimento. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

\_\_\_\_\_. **Suma Contra os Gentios.** Trad. D. Odilão Moura e Ludgero Jaspers. Rev Luis A. De Boni. Porto Alegre: EDPUCRS, 1996. 2 v.

\_\_\_\_\_. **Suma Teológica.** Trad. Aimom- Marie Roguet et al. São Paulo: Loyola, 2001. v. I, II.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.  
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.  
This page will not be added after purchasing Win2PDF.